

ABUSO, TRAUMA E CURA: O FEMINISMO NA POESIA DE RUPI KAUR E DE AMANDA LOVELACE

ABUSE, TRAUMA AND HEALING: FEMINISM IN THE POETRY OF RUPI KAUR AND AMANDA LOVELACE

Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva
UESPI

Resumo: O movimento feminista contribuiu expressivamente para a expressão literária feminina, especialmente a poesia. No século XXI, as mulheres tratam de diferentes temas ou de assuntos não permitidos em épocas anteriores. É o caso das consequências da dependência emocional e da superação desta e outros machucados “sentimentais”. Sobre estas questões escrevem Rupi Kaur e Amanda Lovelace. Seus livros, respectivamente *outros jeitos de usar a boca* e *a bruxa não vai para a fogueira neste livro*, são divididos em seções temáticas, cada uma com um conjunto de poemas. Logo, nosso objetivo foi analisar o conteúdo feminista nos citados livros, especificamente no que diz respeito às situações traumatizantes e cicatrizantes vivenciadas por essas mulheres. Usamos as ideias de Lisa Sewell (2013), Luís Felipe Miguel (2014), Julia Klien (2018) e Bell Hooks (2020), dentre outros. Percebemos que Kaur e Lovelace possuem escrita poderosa e ativista, mostrando a outras mulheres que podem expressar suas dores e criar modos de superá-las.

Palavras-chave: Feminismo. Poesia. Rupi Kaur. Amanda Lovelace.

Abstract: *The feminist movement contributed significantly to female literary expression, especially poetry. In the 21st century, women deal with different themes or issues that were not allowed in previous times. That is the case of the consequences of emotional dependence and overcoming of this and other sentimental bruises. Rupi Kaur and Amanda Lovelace write about these questions. Their books, respectively *milk and honey* and *the witch doesn't burn in this one*, are divided in thematic sections, each one of them with a set of poems. Then, our objective was to analyze the feminist content in the selected books, specifically in relation to traumatic and healing situations lived by these women. We used the ideas of Lisa Sewell (2013), Luís Felipe Miguel (2014), Julia Klien (2018) e Bell Hooks (2020), among others. We realized that Kaur and Lovelace have a powerful and activist writing, showing to other women that they can express their pains and create ways to overcome them.*

Keywords: *Feminism. Poetry. Rupi Kaur. Amanda Lovelace.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O feminismo encontra terreno fértil no século XXI, momento em que a luta pelos direitos das mulheres se tornou mais forte devido às denúncias das violências sofridas por elas. E as redes sociais têm contribuído expressivamente para isso. Através delas, o gênero feminino não apenas relata o fato, mas o faz de maneira poética. Nesta perspectiva, analisamos neste artigo a dor resultante da opressão - traumas, cicatrizes e processo de superação a partir do feminismo - vivida por mulheres e liderada por homens, sustentando a sociedade patriarcal.

O estudo é feito a partir dos poemas presentes nos livros *outros jeitos de usar a boca*¹, de Rupi Kaur, publicado em 2014, e *a bruxa não vai para a fogueira neste livro*², de Amanda Lovelace, publicado em 2018. Os títulos em letras minúsculas serão explicados adiante. A coletânea de Lovelace faz parte da série “As mulheres têm uma espécie de magia”³, da qual o primeiro livro, *a princesa salva a si mesma neste livro*⁴, foi lançado em 2016.

Nossa pesquisa é dividida em três partes: na primeira, apresentamos breves ponderações sobre a relação entre o feminismo e a poesia escrita por mulheres no século XXI; na segunda, destacamos os estilos poéticos das duas autoras; na terceira e última parte, comparamos os poemas a partir de seções criadas por Kaur e Lovelace. O estudo teve objetivo exploratório - a investigação da poesia das citadas autoras, abordagem qualitativa e foi realizado a partir de método dedutivo - partindo de teorias sobre a relação entre feminismo e poesia, e levantamento bibliográfico.

Fundamentando nossa análise estão os seguintes autores: Hooks (2020) e Miguel (2014), que defendem o feminismo como ativismo político; Kostic (2006), Sewell (2013) e Klien (2018), que tratam da influência do feminismo na poesia feminina; Costa (2018) que explica como o movimento feminista pode se utilizar das redes sociais *online*. Além disso, usamos textos publicados na *internet* para reafirmar a escrita das poetisas que estudamos. Estes são de autoria de D’Angelo (2017), Maciel (2017), Williams (2017), Georgakopoulos (2018) e Silva (2018), que resenham os textos das duas poetisas.

FEMINISMO NA POESIA FEMININA CONTEMPORÂNEA

O pensamento feminista na literatura teria surgido no século XVIII, quando algumas escritoras passaram a reclamar em seus textos dos abusos cometidos por homens contra elas. Entretanto, somente a partir da década de 1960, de acordo com Sewell (2013, p. 109), é que o número de mulheres que escrevem, publicam e ganham reconhecimento por suas obras literárias, especialmente as poéticas, tem ganhado considerável atenção e isso se deve a alguns fatores, como o movimento pelos direitos civis e a segunda onda feminista.

1. Título original: *milk and honey*.

2. Título original: *the witch doesn't burn in this one*.

3. Título original: *the women are some kind of magic*.

4. Título original: *the princess saves herself in this one*.

O feminismo, de forma geral e resumida, busca maneiras de definir a experiência feminina, além de expor o patriarcado e favorecer a representação e identificação da mulher, levando esta a não se definir e ser definida como o “outro”; ou seja, fazer com que homens e mulheres tenham consciência das posições destas na sociedade. Como declara Hooks (2020, p. 25) deve haver uma ampla conscientização a respeito da origem e da manutenção das políticas sexistas. É necessário também que a sororidade feminina seja praticada. A luta feminista deve ser política e coletiva.

Sabendo que mulheres e homens têm concepções divergentes de si mesmos e se relacionam de maneiras opostas com outros indivíduos, é natural que experiências femininas tenham maior credibilidade quando relatadas por aquelas que as vivem ou viveram, como afirma Kostić (2006, p. 76-77, tradução nossa): “[...] Desde que o desejo feminino, o que as mulheres querem, é deturpado ou reprimido em uma sociedade falocêntrica, sua expressão (através da escrita) se torna um ponto de partida para desconstruir o controle masculino”⁵. Neste sentido, a escrita feminina surgiu da emergência de identidade, da necessidade de descrição da própria experiência e de reflexão sobre a imagem apresentada nos textos.

Klien (2018, p. 105), por sua vez, entende que nos últimos dez anos essa poesia de conteúdo feminista tem sido produzida com mais intensidade, revelando vozes e sentimentos outrora renegados, exigindo liberdade e confrontando seus opressores. Se anteriormente os assuntos pertinentes ao universo das mulheres se limitavam a amores não correspondidos, casamento, gravidez, maternidade e outras “questões do lar”, no século XXI o desejo é de revelar o novo projeto do qual faz parte esta produção literária.

Assim, o novo milênio inicia com pautas feministas nos âmbitos político e estético e vemos na poesia uma variedade de novidades que resiste à classificação, ultrapassando as expectativas da escrita do gênero feminino, pois “um dos diferenciais comuns no trabalho dessas jovens poetas, por exemplo, é a insistência em reiterar um ponto de vista próprio, intransferível, fortemente marcado pela ótica das relações de gênero” (KLIEN, 2018, p. 106).

As poetas contemporâneas que estudamos, por exemplo, abordam outras questões e tais temas são fatores que contribuem para o resultado da análise que fazemos dos poemas de ambas. Elas escrevem sobre suas heranças culturais por serem de países diferentes e sobre outras experiências sociais e individuais - Kaur traz a mulher no contexto específico da Índia e no livro de Lovelace há referências à violência sexual. Ambas apresentam uma imagem de como é “[...] crescer em uma sociedade dominada pelo masculino, aceitar suas regras e definições e depois tomar consciência da divisão dentro de si” (KOSTIĆ, 2006, p. 77, tradução nossa)⁶.

Elas também renovam a tradição a partir das novidades que a contemporaneidade permite - o uso das redes sociais - e até mesmo do retorno a características anteriormente frequentes na poesia - como a escolha do estilo que melhor se aplica nesses canais online, com a disposição de letras e palavras em menos espaço.

5. Tradução de: “[...] Since female desire, what women want, is misrepresented or repressed in a phallogocentric society, its expression (through writing) becomes a starting point for deconstructing male control.”

6. Tradução de: “[...] to grow up in the male dominated society, to accept its rules and definitions and later to become aware of the split within herself”.

Algumas dessas poetisas contemporâneas se encaixam em categorias mencionadas por Sewell (2013, p. 109) que são: poetisas que focam na revisão e reavaliação do conhecimento cultural a respeito do feminino e na crítica dos valores masculinistas; e aquelas que se preocupam com uma linguagem expressiva e a subjetividade. Na conexão entre feminismo e poesia, vemos também uma combinação do pessoal com o político, do privado com o público, do individual com o coletivo, a fim de apresentar e desenvolver uma nova consciência feminina.

As discussões feministas permitem a revelação de opressões e a linguagem utilizada deve ser uma amostra da resistência, da ruptura em relação à imagem masculina do feminino. A estrutura dos poemas feministas e a forma como são apresentados comprovam a citação abaixo. O leitor é engajado a desenvolver seu pensamento crítico em relação à temática e à disposição da linguagem, visto que:

[...] Ao mudar os limites do poema para incluir seus traços mais materiais, assim abrindo-o para “o mundo e particularmente para o leitor”, esses trabalhos envolvem o leitor na produção do significado e também chamam a atenção para a construção do poema. (SEWELL, 2013, p. 117, tradução nossa)⁷.

O feminismo contemporâneo encontra-se em sua quarta fase e surgiu da concepção da mulher enquanto ser social. Ela se despe de sua objetificação e submissão e busca se livrar das expectativas alheias que restringem sua autonomia. Como afirma Miguel (2014, s. p.), “se definiu pela construção de uma crítica que vincula a submissão da mulher na esfera doméstica à sua exclusão da esfera pública”. Ou seja, de qualquer ambiente ou atividade que permita sua livre expressão, como a literatura.

Com a intensidade do movimento feminista, essas mulheres da contemporaneidade conseguem registrar sua visão da sociedade sexista que tanto as excluiu. Em mutação, elas resistem à padronização de outrora, continuando a escrever sobre as reflexões que fazem dos momentos a que assistem ou que vivem, levando-nos à conclusão de que não há apenas uma perspectiva feminina.

ESTILO POÉTICO DE RUPI KAUR E AMANDA LOVELACE

Em relação às poetisas aqui estudadas, percebemos que seus trabalhos se encaixam na descrição de Williams (2017, s. p.): elas estão inseridas na cultura *pop*, foram descobertas em uma rede social, estão politicamente engajadas, são feministas assumidas e escrevem de maneira acessível e visualmente agradável. Rupi Kaur, que nasceu na Índia em 1992 e mora no Canadá desde criança, e Amanda Lovelace, estadunidense nascida em 1991, em suas obras de sucesso, descrevem não somente suas experiências pessoais como outras vividas especificamente pelo gênero feminino.

Ao longo de suas fases, o ativismo feminista das ruas migrou para o meio online e fez com

7. Tradução de: “[...] By shifting the boundaries of the poem to include its most material features, thus opening it up to “the world and particularly to the reader”, these works involve the reader in the production of meaning and also call attention to the poem’s construction.”

que as autoras fosse mais lidas e ouvidas. Atualmente, as redes sociais têm se mostrado uma poderosa ferramenta de mobilização política e são, para Costa (2018, p. 44), “essencialmente movimentos culturais que permitem a um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação segundo seus próprios valores e interesses, independentemente das instituições”. As ativistas contemporâneas advogam politicamente suas próprias formas de existência e manifestação, e como explica a autora propagam suas experiências pessoais convocando uma ética e uma insurgência feminina.

Kaur, autora de *outros jeitos de usar a boca* (2014) e *o que o sol faz com as flores* (2017), trata corajosamente de temas difíceis: “O trauma, uma constante na vida de tantas mulheres, [...], é justamente a matéria prima de sua obra” (D’ANGELO, 2017, s. p.). A escritora reflete sobre a violência sofrida por mulheres da região em que nasceu, experiência traumática revelada como universal:

Nos ensinam que nosso corpo não é nossa propriedade. Serve para seguir as ordens de nossos pais até que eles transfram a propriedade ao seu marido e a sua família. Uma boa garota indiana fica quieta. Obedece às ordens. O sexo não lhe pertence, é algo que lhe acontece na noite de núpcias. Nosso papel é deitar com obediência, não sentir nada. (MACIEL, 2017, s. p.).

Sobre a linguagem usada, vemos um cuidado especial com a pontuação e a disposição das palavras. Um aspecto peculiar é a ausência de letras maiúsculas, inclusive no título, uma homenagem à escrita punjabi, como ela explica:

No punjabi não há distinção entre letras e há apenas pontos finais. É um mundo dentro de um mundo, exatamente como eu sou, sendo mulher e imigrante. É menos sobre quebrar as regras do inglês e mais sobre usar minha própria história no meu trabalho. (D’ANGELO, 2017, s.p.).

O sucesso de Kaur se deve também à forma que ela expressa a sua revolta. De acordo com Maciel (2017, s.p.), seus versos possuem certo lirismo que levam a uma exposição delicada da raiva em relação, principalmente, ao racismo e ao sexismo.

É necessário enfatizar o apoio das redes sociais, especialmente da plataforma *Instagram*. As mulheres estão (mais) livres para publicar seus textos e a poesia se mostra o veículo perfeito para suas confissões: “Então, existem os instapoetas. Populares como podem ser, existe frequentemente um certo farejamento literário sobre seu trabalho; a forma exige clareza e brevidade” (WILLIAMS, 2017, s.p., tradução nossa)⁸.

Muitos temas femininos são universais e atemporais, fazendo com que a internet, no século XXI, contribua para maior divulgação e melhor compreensão das pautas feministas tradicionais e contemporâneas. Costa (2018, p. 60) reforça que o feminismo jovem das redes tem capacidade multiplicadora e articuladora, não só das estratégias feministas como também das narrativas pessoais.

8. Tradução do trecho: “Then there are the Instapoets. Popular as they may be, there’s often a certain literary sniffiness about their work; the form demands clarity and brevity”.

Em entrevista, Lovelace revela que o livro de sua autoria aqui estudado surgiu a partir do movimento #MeToo, liderado por pessoas famosas com o objetivo de denunciar situações de assédio sexual. O maior número de acusadores é do gênero feminino. A iniciativa inspirou a poeta estadunidense a confessar a experiência da qual foi vítima e repudiar a “cultura do estupro”:

Levei algum tempo pensando até finalmente focar no que gostaria, que é como o patriarcado oprimiu as mulheres ao longo dos anos, especialmente no que tange a violência sexual. O livro não é uma visão geral e abrangente sobre esse assunto, mas ajuda a fomentar a discussão. (SILVA, 2018, s. p.).

Na série “As mulheres têm uma espécie de magia”, Lovelace faz referência aos contos de fadas. No primeiro livro, *a princesa salva a si mesma neste livro*, usa a princesa, e no outro traz a personagem considerada vilã, dando-lhes novos papéis, (mais) condizentes com a contemporaneidade. Seu estilo é semelhante ao de Kaur, com poemas curtos, versos breves, espaços fartos, palavras coloridas, em negrito e itálico, repetições, ausência de letras maiúsculas e uso mínimo de pontuação. O tom segue a linha do não conformismo:

Se no primeiro livro, Lovelace se mostrou fragilizada e narrou sua busca por força interior, no segundo, ela é a personificação dessa força. Suas palavras – embora poucas, como no primeiro – foram meticulosamente escolhidas para incendiar o leitor, tacar fogo no preconceito, nos “padrões”, em quem nos fere. Amanda está inflamada no segundo livro e seus poemas são mais agressivos, pois narram a busca pela irmandade e pela liberdade de padrões. (GEORGAKOPOULOS, 2018, s.p.).

Como a poeta indiana-canadense, Lovelace traz um final esperançoso, apesar do processo dolorido. Ela defende que toda mulher tem que ser feminista e explica o porquê através do título do livro aqui analisado. As bruxas eram mulheres assim chamadas por serem independentes numa sociedade que exigia delas um comportamento submisso ao homem: “Existem muitas histórias sobre mulheres que foram acusadas de serem bruxas e assassinadas por sexismo numa época em que os homens e a religião tinham o controle de tudo” (SILVA, 2018, s.p.). Atualmente, as bruxas são as caçadoras, pois estão denunciando seus opressores. Um novo poder.

ABUSO, TRAUMA E CURA NA POESIA DE KAUR E LOVELACE

Cada um dos livros analisados neste artigo é dividido em quatro seções. Kaur usa: a dor, o amor, a ruptura, a cura. Lovelace, por sua vez, traz a seguinte divisão: o julgamento, a queima, a tempestade de fogo, as cinzas. Notamos que os títulos das seções apresentam fases que vão do sofrimento à superação.

Em “A dor”, Kaur trata da falta de compaixão da humanidade, da violência masculina - como agressões físicas, assédio moral, abuso sexual liderados por pais e namorados, do medo de falar e, ao mesmo tempo, da necessidade de segurança. Enquanto isso, Lovelace conta a história

da luta feminina contra a estrutura social criada pelos homens. Em “O julgamento”, ela também se ressentida da ausência de misericórdia humana, mostrando ser imprescindível revelar os medos e iniciar um caminho próprio.

Miguel (2014, s. p.), ao mostrar a indissociabilidade da relação entre feminismo e política, acredita que as discussões sobre pautas femininas nos últimos anos contribuíram para a compreensão da organização da vida em sociedade. Para ele, a teoria feminista resgata, questiona e confronta valores sociais que têm como uma das principais questões aquelas de gênero. Sendo assim, Kaur e Lovelace apresentam suas interpretações da teoria com suas visões de liberdade e controle do sujeito feminino.

No Quadro 01, trazemos poemas localizados na primeira parte de cada livro.

Quadro 01

<i>outros jeitos de usar a boca</i>	<i>a bruxa não vai para a fogueira neste livro</i>
deixar a barriga da minha mãe vazia foi meu primeiro ato de desaparecimento aprender a encolher para uma família que gosta de ver as filhas invisíveis foi o segundo a arte de se esvaziar é simples acredite quando eles dizem que você não é nada vá repetindo como um mantra <i>eu não sou nada</i> <i>eu não sou nada</i> <i>eu não sou nada</i> tão concentrada que o único jeito de saber que você ainda existe é o seu peito ofegante - <i>a arte de se esvaziar</i> (KAUR, 2017, p. 33) ¹ .	eles riscaram isso dos livros de história, mas em todas as grandes invenções você encontrará marcas de queimado no formato das mãos magníficas de uma mulher. não esqueça: precisamos ser os livros de história agora. - <i>as mulheres são bibliotecas prestes a explodir.</i> (LOVELACE, 2018a, p. 52) ² .

No Quadro 01, Kaur conta o que é ser mulher em uma família dominada pelo pensamento masculino. Deste modo, nascer mulher surge como um ato corajoso de seres destinados à invisibilidade. Neste meio, a criança do gênero feminino aprende a ser “vazia” para que possa sobreviver. Tem dentro de si o vazio de quem não se reconhece vivendo dominada, submissa. Lovelace conta como os registros históricos foram feitos por homens e sobre homens até pouco tempo atrás, ainda que mulheres tenham trabalhado e ajudado a construir muitas sociedades em seus vários aspectos. As “mãos queimadas”, a partir de agora, podem escrever um novo relato, recuperando o prestígio outrora negado.

Na segunda seção de *outros jeitos de usar a boca*, “O amor”, a autora trata da forma positiva do

sentimento. Ou seja, da confiança e respeito pelo outro. É específica sobre essa dedicação humana nos relacionamentos entre pais e filhos e entre amantes. Destacamos sua visão do amor-próprio e a descrição da maternidade como um dom exclusivo do corpo feminino, de onde vem a vida e aproxima o homem e Deus.

Em “A queima”, Lovelace permanece com a violência dos homens, enfatizando a dor sentida pelo gênero feminino a partir do abuso sexual. A poeta descreve como as mulheres podem se sentir culpadas, ou como botões de rosa pisados e bonecas manipuladas. A violência, em suas diferentes formas, surge como maior força de controle do indivíduo. Para haver dominação, a naturalização de uma hierarquia sexista se faz necessário, como declara Hooks (2020, p. 99): “em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar a violência como meio aceitável de controle social”. Por este motivo, Lovelace menciona a culpa de ir contra a comportamentos tradicionais e constantemente reforçados como adequados.

No Quadro 02, seguem poemas encontrados na segunda parte dos livros que analisamos.

Quadro 02

<i>outros jeitos de usar a boca</i>	<i>a bruxa não vai para a fogueira neste livro</i>
<p>quando minha mãe estava grávida do segundo filho eu tinha quatro anos apontei para sua barriga inchada sem saber como minha mãe tinha ficado tão grande em tão pouco tempo meu pai me ergueu com braços de tronco de árvore e disse que nesta terra a coisa mais próxima de deus é o corpo de uma mulher é de onde a vida vem e ouvir um homem adulto dizer algo tão poderoso com tão pouca idade fez com que eu visse o universo inteiro repousando aos pés da minha mãe (KAUR, 2017, p. 45)³.</p>	<p>nosso ser mesmo é considerado uma inconveniência, nossos corpos, casas desocupadas envoltas por camadas de fita amarela, nossas pernas, portas duplas para um homem (& apenas um homem) forçar a entrada para poder nos invadir & colocar lá seus móveis, sem nunca nos perguntar o que achamos das cortinas - <i>eles nos amam vazias, vazias, vazias.</i> (LOVELACE, 2018a, p. 89)⁴.</p>

No Quadro 02, Kaur enfatiza a gravidez como experiência divina e se mostra surpresa com o elogio do pai dando importância à sua esposa. Neste momento, vemos em que circunstância se valoriza o corpo feminino e como ele se torna sagrado durante a gestação. Em *a bruxa não vai para a fogueira neste livro*, temos uma visão diferente do corpo. A mulher seria destinada para o sexo, sendo sua personalidade apenas coadjuvante na relação. O vazio que deveria ser preenchido pela

segurança no parceiro é violado, eliminando aquela possibilidade. E a mulher invadida, contra sua vontade, pode se desprender ainda mais de sua esperança.

A “apropriação” do corpo de uma mulher por ela própria parte do pensamento liberal que “estabelece a soberania sobre o corpo - o ‘ser dono de si mesmo’ - como o requisito básico para o acesso à cidadania” (MIGUEL, 2014, s. p.). Logo, as experiências do corpo feminino passam a ser questão política e devem ser analisadas por específicas condições biológicas e sociais de quem passa por elas. As poetas, neste sentido, mostram como se dá a negação de uma das condições básicas de existência da mulher.

O risco de confiar no parceiro, situação que pode levar à queda é o principal assunto de “A ruptura”. Kaur pede que a mulher saiba reconhecer falsas promessas, uma delas feita com a romântica declaração “Eu te amo”. Percebemos que há mulheres que já não conseguem enxergar a diferença entre respeito e abuso e/ ou que acreditam na mudança de atitude do parceiro. Há dependência emocional de um homem que a abandona, mostrando que esse “amor” tem seu lado negativo.

“A tempestade de fogo” funciona como um alerta para que as mulheres reajam contra seus opressores. Vemos em *a bruxa não vai para a fogueira neste livro*, mais uma vez, a demarcação das diferenças entre os gêneros para mostrar o alvo. No início, Lovelace cita algumas situações - como usar o sobrenome do marido quando casada - e objetos de uso feminino - vestido e espartilho são exemplos - como obrigações impostas pela sociedade. Outra “regra” é a aparência física, como um corpo liso, sem marcas, contra a qual ela luta. A autora pede também que a mulher exercite o amor-próprio para que não precise do olhar do outro - especificamente, do masculino - para se sentir aceita. Aos homens deseja fogo eterno, que eles sejam incendiados.

No Quadro 03, trazemos poemas da terceira seção de cada um dos livros.

Quadro 03

<i>outros jeitos de usar a boca</i>	<i>a bruxa não vai para a fogueira neste livro</i>
<p>ele só sussurra <i>eu te amo</i> quando desliza a mão para abrir o botão da sua calça é aí que você tem que entender a diferença entre querer e precisar você pode querer esse menino mas você com toda a certeza não precisa dele (KAUR, 2017, p. 86)⁵.</p>	<p>eles não querem que sejamos maria-vai-com-as-outras mas eles não querem que sejamos antipáticas tampouco. isso coloca a questão: será que eles querem que existamos fora das suas fantasias de altas horas? - <i>não sou sua boneca de papel, nem sua boneca inflável</i> (LOVELACE, 2018a, p. 127)⁶.</p>

No Quadro 03, as duas escritoras trazem o desejo masculino da submissão do gênero oposto. Kaur retorna à ideia do falso sentimento expressado por “Eu te amo”, a partir do qual o homem pode conseguir sexo. Já Lovelace amplia a ideia da necessidade de dominação masculina com o comportamento “público” da mulher. Nos dois poemas, vemos o tratamento dado ao gênero feminino - objeto de satisfação do parceiro - e o clamor da mudança - “você não é uma boneca”, “você não precisa dele”.

“A cura” é a última seção do livro *outros jeitos de usar a boca*. Kaur inicia com a melancolia do merecimento e parte para a necessidade do amor-próprio da superação, expondo as dores de alguma forma - no caso da escritora indiana radicada no Canadá, através da escrita. A cura é interna e ensina a lidar com situações que estão por vir. A poeta afirma que a solidão é necessária, ensina que a dor é parte de um processo. Ela também enfatiza a beleza do corpo feminino. Em resumo, tratando de situações e sentimentos humanos - empatia, inveja, honestidade -, Kaur expurga sua angústia.

Lovelace inicia “As cinzas” incentivando as mulheres a usarem o fogo contra os homens que as julgaram e queimaram séculos atrás. O objetivo é fazer com que eles não mais as silenciem. Os poemas desta seção tratam do poder dado ao gênero feminino. A autora especifica o ato da escrita como imprescindível neste processo de recuperação da voz. Ela convoca todas as mulheres para marchar e gritar contra a violência masculina. Está revoltada, pois para ela as mulheres querem e devem ocupar seu espaço.

O ato simbólico de queimar homens e suas atitudes sexistas implicam no nascimento de um novo comportamento feminista pelo grupo masculino, que valorize as experiências de mulheres e, neste caso, sua escrita. Como defende Hooks (2020, p. 164), “É urgente que homens levantem a bandeira do feminismo e desafiem o patriarcado. A segurança e a continuidade da vida no planeta exige a conversão feminista dos homens”. A cura e a cinza podem simbolizar essa renovação.

Os poemas da última seção de *outros jeitos de usar a boca* e *a bruxa não vai para a fogueira neste livro* são mostrados no Quadro 04.

Quadro 04

<i>outros jeitos de usar a boca</i>	<i>a bruxa não vai para a fogueira neste livro</i>
<p>parece que é deselegante falar da minha menstruação em público porque a verdadeira biologia do meu corpo é real demais é legal vender o que uma mulher tem entre as pernas mas não é tão legal mencionar suas entranhas o uso recreativo deste corpo é considerado uma beleza mas sua natureza é considerada feia (KAUR, 2017, p. 177)⁷.</p>	<p>nós precisamos das suas palavras. nós precisamos das suas experiências, nós precisamos dos seus traumas nós precisamos da sua raiva, nós precisamos da sua culpa, nós precisamos das suas paixões, nós precisamos da história que você acha que ninguém vai querer ouvir. nós precisamos dessa raiva-fogo de mulher que só você pode prover, então escreva. escreva. escreva. - o sinal pelo qual você estava esperando III. (LOVELACE, 2018a, p. 171)⁸.</p>

No Quadro 04, vemos a exaltação do corpo feminino com Kaur, ao mesmo tempo em que esta escritora critica sua “função social”. A mulher, no universo masculino, destina-se para o sexo e para a maternidade. Se estas são experiências “sublimes”, por que não embelezar também outros elementos da mesma estrutura? Por que tornar inferior a biologia deste corpo? Lembremos o momento em que a escritora indiana-canadense foi censurada em uma rede social ao mostrar uma imagem de seu suposto ciclo menstrual. Por outro viés, Lovelace pede que todas as situações de violência contra a mulher sejam reveladas através da escrita como forma de superação e prevenção. No último verso, a poeta indica que este é o momento adequado e que toda mulher tem um episódio de humilhação para expor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, mostramos um pouco da situação da poesia feminina neste início do século XXI. Ao longo da história, o tratamento dado à mulher se refletiu também sua atividade literária; porém, a força do movimento feminista permitiu que as escritoras tivessem (maior) liberdade em sua escrita. Esta surgiu da necessidade do relato da própria experiência e de identificação. Desta maneira, o feminismo aparece na literatura como a escrita de mulheres para mulheres e, ainda, uma

voz que faz com que outras reconheçam sua posição no mundo.

Continuando com a escrita feminina, apresentamos suas características através de poetas de sucesso atualmente. O estilo de Rupi Kaur e o de Amanda Lovelace indicam que: as redes sociais são meios iniciais de publicação, os textos são curtos na quantidade e no tamanho dos versos, a pontuação é mínima, as palavras são expostas de formas especiais - como colorido e itálico. O principal tema é a luta do gênero feminino contra a opressão da sociedade patriarcal, adotando uma abordagem feminista.

Nosso objetivo geral foi analisar como as escritoras descrevem ou sugerem o processo de superação das dores causadas pelo gênero masculino. Percebemos que elas dividem seus livros em quatro partes, indo do sofrimento à cura de suas feridas. Os poemas foram baseados nas vidas das próprias Kaur e Lovelace que sofreram algum dos tipos de abuso. Os textos que analisamos têm relação uns com os outros: no Quadro 01, a invisibilidade da mulher; no Quadro 02, o corpo destinado à maternidade ou ao sexo; no Quadro 03, o desejo masculino da amante submissa; no Quadro 04, a reação feminina.

A reação é necessária. São vários anos de opressão, nos quais os homens ditaram comportamentos e lideraram as tradições poéticas. Kaur e Lovelace são porta-vozes da necessidade de se impor e alertar outras mulheres dos perigos desta sociedade. *outros jeitos de usar a boca* sugere que o gênero feminino precisa falar, denunciar sua condição e *a bruxa não vai para a fogueira neste livro* usa a metáfora das bruxas queimadas para aconselhar suas descendentes a “atearem fogo” nos homens.

REFERÊNCIAS

COSTA, Cristiane. Rede. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60.

D'ANGELO, Helô. Fenômeno de vendas, Rupi Kaur faz do trauma a matéria prima de sua poesia. *Revista Cult*. São Paulo, abr. 2017. Seção Literatura. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/rupi-kaur-faz-do-trauma-a-materia-prima-para-sua-poesia/>. Acesso em: 10 jun 2020.

GEORGAKOPOULOS, Frini. A bruxa não vai para a fogueira neste livro. *Cheiro de Livro*. abr. 2018. Seção Resenhas. Disponível em: <http://cheirodelivro.com/a-bruxa-nao-vai-para-a-fogueira-neste-livro/>. Acesso em: 10 jun 2020.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Bhuvli Libanio. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KAUR, Rupi. *milk and honey*. Kansas, MI, EUA: Andrews McMeel Publishing, 2015.

KAUR, Rupi. *outros jeitos de usar a boca*. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2017.

KLIEN, Julia. Na poesia. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Explosão Feminista: Arte, Cultura,*

Política e Universidade. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 105-137.

KOSTIĆ, Milena. Feminist Theory and Practice in the Poetry of Adrienne Rich. *Facta Universitatis*, Niš-Servia, Vol. 4, N. 1, p. 71-84, 2006. Disponível em: <http://facta.junis.ni.ac.rs/lal/lal2006/lal2006-08.pdf>. Acesso em: 10 jun 2020.

LOVELACE, Amanda. *a bruxa não vai para a fogueira neste livro*. Tradução de Izabel Aleixo. Rio de Janeiro: Leya, 2018a (As mulheres têm uma espécie de magia).

LOVELACE, Amanda. *the witch doesn't burn in this one*. Kansas, MI, EUA: Andrews McMeel Publishing, 2018b. (Women are some kind of magic).

MACIEL, Nahima. Rupi Kaur e a poesia que veio da rede. *Correio Brasiliense*. Distrito Federal, dez. 2017. Blog Leio de Tudo. Disponível em: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/leiodetudo/rupi-kaur-poesia/>. Acesso em: 10 jun 2020.

MIGUEL, Luís Felipe. A igualdade e a diferença. In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: Uma introdução*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014. *E-book*.

MIGUEL, Luís Felipe. O feminismo e a política. In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: Uma introdução*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014. *E-book*.

SEWELL, Lisa. Feminist Poetries. In: ASHTON, Jennifer (ed.). *The Cambridge Companion to American Poetry Since 1945*. Nova York: Cambridge University Press, 2013. p. 109-126.

SILVA, Adriana Ferreira. Amanda Lovelace: “Se você não se considera uma feminista em 2018 é porque é mal informada sobre o que representa esta luta”. *Revista Marie Claire*. Rio de Janeiro, abr. 2018. Coluna De Repente Perennial. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/De-repente-perennial/noticia/2018/04/amanda-lovelace-se-voce-nao-se-considera-uma-feminista-em-2018-e-porque-e-mal-informada-sobre-o-que-representa-esta-luta.html>. Acesso em: 10 jun 2020.

WILLIAMS, Holly. The Women Poets Taking Over the World. *BBC*. Londres, jul. 2017. Seção Culture/ Designed. Disponível em: <http://www.bbc.com/culture/story/20170713-the-women-poets-taking-over-the-worl>. Acesso em: 10 jun 2020.

Notas

1. Tradução de: “emptying out of my mother’s belly / was my first act of disappearance / “emptying out of my mother’s belly / was my first act of disappearance / learning to shrink for a family / who likes their daughters invisible / was the second / the art of being empty / is simple / believe them when they say / you are nothing / repeat it to yourself / like a wish / *i am nothing / i am nothing / i am nothing* / so often / the only reason you know / you’re still alive is from the / heaving of your chest / learning to shrink for a family / who likes their daughters invisible / was the second / the

- art of being empty / is simple / believe them when they say / you are nothing / repeat it to yourself / like a wish / i am nothing / i am nothing / i am nothing/ so often / the only reason you know / you're still alive is from the / heaving of your chest / - *the art of being empty*.” (KAUR, 2015, p. 25).
2. Tradução de: “they scratched it / out of the history books, / but on all the / great innovations / you will find / scorch marks / in the shape of / a woman’s / magnificent / handprint. / do not forget: / we need to be / the history books / now. / - *women are libraries about to burst*.” (LOVELACE, 2018b, p. 43).
3. Tradução de: “when my mother was pregnant / with her second child i was four / i pointed at her swollen belly confused at how / my mother had gotten so big in such little time / my father scooped me in his tree trunk arms and / said the closest thing to god on this earth / is a woman’s body it’s where life comes from / and to have a grown man tell me something / so powerful at such a young age / changed me to see the entire universe / rested at my mother’s feet”. (KAUR, 2015, p. 45).
4. Tradução de: “our/ very being/ is considered/ an inconvenience,/ our bodies/ vacant homes/ wrapped in layers/ of yellow tape, / our legs/ double doors/ for one man/ (& one man only)/ to pry open soul/ he can invade us/ & set down his/ furniture,/ never once/ asking us/ how we feel/ about the curtains./ - *they love us empty, empty, empty*.” (LOVELACE, 2018b, p. 75).
5. Tradução de: “he only whispers *i love you* / as he slips his hands / down the waistband / of your pants / this is where you must / understand the difference / between want and need / you may want that boy / but you certainly / don’t need him” (KAUR, 2015, p. 86)
6. Tradução de: “they don’t want us / to be / mary sue’s, / but / they don’t want us / to be / unlikable, / either. / that begs / the question: / do they even want us / to exist / outside of their / late-night fantasies? / - *i am neither your paper doll, nor your blow-up doll*” (LOVELACE, 2018b, p. 116).
7. Tradução de: “apparently it is ungraceful of me/ to mention my period in public / cause the actual biology / of my body is *too real*/ it is okay to sell what’s / between a woman’s legs / more than it is okay to / mention its inner workings / the recreational use of / this body is seen as / beautiful while / its nature is / seen as ugly ” (KAUR, 2015, p. 177).
8. Tradução de: “we need / your words. / we need / your experiences, / we need / your traumas, / we need / your anger, / we need / your guilt / we need / your passions / we need / the story / you think no one / cares to hear. / we need that / woman-rage-fire / only you / can provide, so / write. / write. / write. / - *the sign you’ve been waiting for III*” (LOVELACE, 2018b, p. 162).

Sharmilla O’hana Rodrigues da Silva

Doutoranda em Letras (UFPI), Mestre em Letras (UFPI), Especialista em Língua Inglesa e Literatura (UESPI), Licenciada em Letras Português e Inglês (UESPI). Professora no Curso Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

Recebido em 10/02/2022.

Aceito em 10/03/2022.